

# Os protestantismos (des)encarnados no Brasil: a relação com a política ontem e hoje

*Nelson Lellis Ramos Rodrigues*<sup>1</sup>

PEREIRA DA ROSA, Wanderley. *Por uma fé encarnada: uma introdução à história do protestantismo no Brasil*. São Paulo/Vitória: Recriar/Unida, 2020, 350 p.

As editoras Recriar e Unida lançaram em 2020 a pesquisa de doutoramento do teólogo Wanderley Pereira da Rosa. A tese, cujo título original é *Por uma Fé Encarnada: teologia social e política no protestantismo brasileiro*, foi defendida na PUC-Rio em agosto de 2015 sob a orientação do prof. Joel Portella Amado, bispo-auxiliar da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro e também secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Em 2011, no início das pesquisas, o subtítulo da tese era *Resgatando a contribuição protestante para uma teologia pública e cidadã*. Além de descrever cuidadosamente os enredos históricos dos protestantismos no Brasil, a pesquisa, desde o princípio, já propunha a discussão do engajamento de igrejas e personagens desse segmento na sociedade, observando, sobretudo, os latentes conflitos entre conservadores e progressistas, presentes antes mesmo da ditadura civil-militar.

O autor localiza essa tensão já no período da Guerra Fria, em que os EUA, nos idos de 1950, voltam seus olhos para a América Latina, proporcionando uma certa radicalização entre conservadores – cuja relação com grupos progressistas, até então, poderia ser classificada como amistosa, uma vez que após a Primeira Guerra os movimentos buscavam certa unidade a fim de aprofundarem suas “preocupações em relação à paz e à justiça no mundo”<sup>2</sup>. Essa informação é cara, tendo em vista que

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF).

<sup>2</sup> PEREIRA DA ROSA, Wanderley. *Por uma fé encarnada: uma introdução à história do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Recriar; Vitória: Unida, 2020, p. 103.

pesquisas recentes no campo da ciência política apontam o início de uma articulação identitária (“povo-evangélico”) tão somente no período da redemocratização do Brasil – o que também é plausível, todavia, o cenário pré-ditadura civil-militar já sinalizava tal ocorrência. Seguindo as categorias da construção de povo em Ernesto Laclau<sup>3</sup>, em que *demanda(s)* e *inimigo(s)* comuns são a base para tal identificação, a obra de Pereira da Rosa já apontava outro caminho de interpretação acerca dessa gênese em relação à ideia de “povo-evangélico”.

Para apresentar esse novo caminho, que intuíto na pesquisa de Pereira da Rosa, elenco quatro razões que explicam a importância deste texto no mercado editorial. A primeira, pelo seu autor. Nos círculos nacionais e internacionais de pesquisa, Pereira da Rosa é membro da Sociedade de Teologia e Ciência da Religião (SOTER), onde coordena o Grupo de Trabalho “Protestantismos”; é membro da Sociedade Internacional Rubem Alves e da American Academy of Religion (AAR). O autor também responde como diretor-geral da Faculdade Unida que possui diversos cursos, dentre eles: mestrado e doutorado profissional em Ciências das Religiões; além de parcerias com universidades histórica e internacionalmente reconhecidas, como: Princeton Theological Seminary (PTS) (onde, em 2022, iniciou seu pós-doutoramento para investigar grupos evangélicos conservadores e fundamentalistas no Brasil e sua relação com a extrema direita) e Methodist Theological Scholl of Ohio (MTSO), nos EUA, e; Missionakademie an der Universität Hamburg, na Alemanha. A partir dessa interlocução, outras obras e capítulos foram produzidos para a série *World Christianity and Public Religion*<sup>4</sup>.

Torna-se indispensável observar, no campo das ciências sociais, cujo objeto é a religião, como determinadas produções de teólogos(as), como Pereira da Rosa, encontram-se associadas a contextos profissionais e marcadamente políticos. Portanto, o tema do livro é objeto daquilo que lhe toca. Sua história com a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), com seu

<sup>3</sup> LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

<sup>4</sup> BARRETO JR. Raimundo C.; CAVALCANTE, Ronaldo; PEREIRA DA ROSA, Wanderley (orgs.). *World Christianity and Public Religion* (Cristianismo mundial como religião pública). Vol. 1. Vitória-ES: Unida; Princeton: Princeton Theological Seminary, 2016.

vetor político-social e com outros segmentos evangélicos, fez com que algumas janelas lhe fossem abertas para interpretar os protestantismos no cenário brasileiro observando tal inserção desde sua implantação. Todo esse campo de atuação ajuda a mensurar, ainda que sumariamente, a extensão laboral do autor em questão.

A segunda razão passa pela avaliação histórica, crítica, mas que também perpassa pela teologia pública acerca da interface religião e sociedade. Dividido em quatro capítulos, o autor sistematiza – no livro em tela – o protestantismo no Brasil da seguinte maneira: a) sua implantação; b) sua consolidação; c) sua fragmentação, e; d) sua teologia política e reforma. Nessa estrutura, são apresentadas as diferentes formações dos protestantismos no Brasil com seus movimentos e teologias, suas relações sociais e os desdobramentos políticos cadenciados ora por ascensão de uma teologia pública (envolvendo setores ecumênicos e da Teologia da Missão Integral), ora por denúncias e repressões.

A tese de Pereira da Rosa nos permite adiantar, ou ao menos tornar mais complexa a datação sobre a discussão da luta por uma identidade nacional (ou um projeto), da construção não de um “povo-nação” – nos termos de Laclau<sup>5</sup> –, mas de um “povo-evangélico”, que na percepção de autores como Burity<sup>6</sup>, Gracino Jr. e Pereira de Souza<sup>7</sup>, iniciaria apenas após a ditadura civil-militar. E aqui início a terceira razão sobre a importância da publicação da obra aqui resenhada: o princípio de um projeto de “povo-evangélico” estaria presente bem antes da redemocratização do país. Através da pesquisa de Pereira da Rosa é possível perceber um projeto de “povo-evangélico” nos discursos e no engajamento de distintos grupos evangélicos no âmbito da política desde a década de 1950.

Para Laclau, a construção de uma identidade coletiva se dá em torno de *demandas*. Ou seja, a unidade de um sujeito coletivo não pode ser definida pela sua posição social ou por seus atributos compartilhados,

---

<sup>5</sup> LACLAU, 2018.

<sup>6</sup> BURITY, Joanildo. ¿Ola conservadora y surgimiento de la nueva derecha cristiana brasileña? La coyuntura postimpeachment en Brasil. *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, Campinas, v. 22, 2020, p. 1-24.

<sup>7</sup> GRACINO JR., Paulo; PEREIRA DE SOUZA, Carlos Henrique. Evangélicos e conservadorismo – afinidades eletivas: as novas configurações da democracia no Brasil. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 18, n. 57, 2020, p. 1188-1225.

e sim, por *articulação de demandas* que podem ser articuladas em vários setores, assim como na religião que, de acordo com sua insatisfação à determinada questão social, política ou de outra ordem, interpreta para seus fiéis a demanda onde todos se reconhecem. Essas demandas são o cimento social que outorga centralidade ao afeto na constituição social.

Além de uma demanda comum para a criação de um povo é necessário que haja, como identificação entre membros do grupo, um *inimigo comum*, ou um “ódio comum de algo ou de alguém”<sup>8</sup>. Lembrando aqui que povo é sempre uma construção discursiva, e que não é, essencialmente, “relativo às áreas da fala e da escrita, mas quaisquer conjuntos de elementos nos quais as *relações* desempenham o papel constitutivo”<sup>9</sup>.

Esses dois aspectos podem ser notados, segundo a documentação histórico-social analisada por Pereira da Rosa<sup>10</sup> a partir da Guerra Fria, uma vez que o “embate entre capitalismo e socialismo [...] configurariam como um novo desafio para a reflexão teológica e a práxis cristã”. Isso tudo foi acentuado no contexto latino-americano após a Revolução Cubana de 1959. A tendência da igreja desse período é, portanto, a crítica ao comunismo (inimigo comum), pois este estaria em posição de ameaça à fé cristã. A demanda articulada entre religiosos fundamentalistas e políticos conservadores pautava-se no *ethos*, no comportamento dos brasileiros em seu sentido de pureza e distanciamento do “mundo” – em termos weberianos –, *além de associar o ideário das Missões de Fé com a direita capitalista*.

Por fim, a obra oferece ferramentas e dados históricos para uma hermenêutica capaz de comparar com o cenário a partir das eleições de 2014. Embora o livro nos dê razões para acreditarmos em um projeto de “povo-evangélico” desde o contexto da Guerra Fria, podemos considerar a leitura laclauniana de Burity quando entende que é especialmente a partir de 2014 que os evangélicos, em seu aspecto conservador, se assumirão como sujeito político constituído, cuja pretensão é redefinir o “povo-nação” como “povo-evangélico”. Diante de sua expansão demográfica e de crises institucionais desde o início dos anos 2000, é possível

---

<sup>8</sup> LACLAU, 2018, p. 119.

<sup>9</sup> LACLAU, 2018, p. 116.

<sup>10</sup> PEREIRA DA ROSA, 2020, p. 101.

interpretar a crescente inserção de evangélicos na política com a finalidade de “santificá-la” através de atores que assumissem pautas morais e de comportamento gerando, conseqüentemente, uma expectativa messiânica que pudesse salvar a nação do fantasma comunista devolvendo a paz à nação.

O cenário pré e pós-eleições 2018, ajuda a destacar a estreita ligação entre o elemento político e a esfera religiosa e, com isso, complexificar, ainda que sumariamente, o cenário de guerra cultural<sup>11</sup> promovido no governo de Jair Messias Bolsonaro que pode contar com o apoio de denominações cujo histórico baseia-se em apoio a pautas já presentes na década de 1950 e durante a ditadura civil-militar. Para além disso, as eleições de 2022 continuam apontando na direção de uma batalha entre narrativas bíblicas (entre bolsonaristas e lulistas), em que grupos evangélicos conservadores e progressistas buscam legitimar seus votos, seus posicionamentos e suas ações mediante um discurso onde se pretende afirmar a identidade de Jesus. Há conseqüências sociais substantivas acerca desse posicionamento.

Este livro, portanto, como *uma introdução*, fornece base para *uma interpretação* das relações entre igrejas encarnadas na esfera pública, sobretudo, na política brasileira. E, claro, discernir as igrejas “desencarnadas”, que não passa(ra)m pelo processo de uma teologia pública em diálogo com as ciências sociais, e, portanto, importam menos as demandas do corpo.

## Referências

- BARRETO JR. Raimundo C.; CAVALCANTE, Ronaldo; PEREIRA DA ROSA, Wanderley (orgs.). *World Christianity and Public Religion* (Cristianismo mundial como religião pública). Vol. 1. Vitória-ES: Unida; Princeton: Princeton Theological Seminary, 2016.
- BURITY, Joanildo. ¿Ola conservadora y surgimiento de la nueva derecha cristiana brasileña? La coyuntura postimpeachment en Brasil.

---

<sup>11</sup> ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminhos, 2021.

*Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Campinas, v. 22, 2020, p. 1-24.

GRACINO JR., Paulo; PEREIRA DE SOUZA, Carlos Henrique. Evangélicos e conservadorismo – afinidades eletivas: as novas configurações da democracia no Brasil. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 18, n. 57, 2020, p. 1188-1225.

LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminhos, 2021.